

Por quadrilhas especializadas

Comerciantes burlados em 5 milhões de meticais

N. 12/8
82

◆ Queriam comprar randes sul-africanos

Sem terem conseguido um único centavo em troca, três comerciantes e um criador de animais de pequena espécie, que queriam ilicitamente comprar randes sul-africanos, foram burlados, na totalidade, em 5.250.000,00 MT, por duas quadrilhas que recentemente foram desmanteladas e detidas pela PPM, em Maputo.

Estas burlas a três comerciantes e um criador de animais de pequena espécie, um dos quais do Maputo e os restantes de Morrumbene (Inhambane), Massingir (Gaza) e Nampula, foram representadas teatralmente com gestos, expressões e movimentos decididos, sem mesmo necessidade de um guião e um encenador especializado como nós disse a fonte da PPM.

A encenação foi de tal forma representada que os comerciantes e o criador de animais das Mahotas viram a esfumar-se mesmo diante de si quantias que somaram 5250 mil meticais, que seriam trocados por randes sul-africanos.

COMEÇO DA BURLA

Foi assim: Um indivíduo de nome Elias Sitói, que foi recentemente detido em Inhambane, em Agosto do ano passado soube que um comerciante de Morrumbene, Sacar Mandlane, estava interessado em comprar um camião novo, de preferência «Volvo» ou «Scania». Travou conhecimento com o comerciante e mostrou-se como a pessoa mais indicada para lhe satisfazer o desejo, logo que contactasse um seu conhecido em Maputo.

Aqui, como sabia que um seu amigo, Álvaro Filipe Mungóy, era sujeito capaz de burlar um comerciante disposto a pagar 2 800 000,00 MT por randes, que lhe permitiriam a este último comprar um camião novo, tratou de rapidamente contactá-lo. Os dois juntos foram para Morrumbene, onde juntamente com o comerciante Sacar Mandlane combinaram o dia da troca daqueles milhões de meticais por randes. De acordo com as informações da PPM seria um cunhado de Álvaro Mungóy, que residia na África do Sul quem traria o dinheiro sul-africano.

No dia combinado, a 5 de Outubro do ano passado, apareceu o comerciante Sacar Mandlane, sua esposa e um seu filho, na casa do Álvaro Mungóy no Bairro da Liberdade, trazendo uma pasta com a enorme quantia. Aqui começou a representação:

A PEÇA DE TEATRO

Dentro de casa, com um ar sério,

estava sentado na sala de visitas um sujeito que foi apresentado como Albino José, cunhado de Álvaro Mungóy, que viera propositadamente da África do Sul com os randes para trocar por meticais. Sobre uma mesa, estava uma pasta que o comerciante pensou conter os randes.

Cinco minutos depois de Sacar Mandlane e sua família se terem sentado após as saudações de praxe, fortes pancadas foram batidas na porta de entrada, o que provocou de imediato tensão na família Mandlane. O dono da casa, Álvaro Mungóy aparentemente atrapalhado, levantou-se e foi abrir a porta. De súbito, entraram casa adentro dois indivíduos. Um deles, puxou imediatamente por uma carteira de identificação e disse:

— Sou agente da Segurança. Que negócio é esse que vocês estão aí a tratar?

PASTAS APREENDIDAS

O segundo indivíduo foi apresentado como o Secretário do Grupo Dinamizador do Bairro da Liberdade.

Então o agente do SNASP, que disse chamar-se Manecas, deu voz de prisão a todos os que estavam presentes na sala, logo depois de saber que ali se procedia a uma troca ilegal de dinheiro.

— O comerciante e a família vão comigo assim como os meticais e os randes — disse.

O Secretário do Grupo Dinamizador encarregar-se-ia de levar o Mungóy e o cunhado para uma unidade militar, próximo da casa onde estavam, acusados pelo agente da Segurança de perigosos criminosos e «mafiosos» de quem andavam à procura há bastante tempo.

No carro do comerciante, este e a família foram conduzidos em direcção à Cadeia da Machava, onde deram três voltas em redor, até o agente da Segurança mandar parar o carro.

Atrapalhado e sem conseguir articular palavra, como nos disse a fonte da PPM, o comerciante Mandlane e sua família foram mandados embora, com a condição de no dia seguinte voltarem à Cadeia da Machava e, no portão, perguntar pelo «chefe Manecas». As duas pastas, a dos randes

e a dos meticais, ficaram apreendidas na posse do «agente da Segurança».

Este apeou-se do carro, que arrancou, e ali ficou durante alguns minutos. Logo apareceu uma outra viatura onde subiu. Esta era conduzida pelo «Secretário do Grupo Dinamizador do Bairro da Liberdade».

FIM DA FARSA

Voltaram à casa onde deveria ter sido feito o negócio, onde aguardavam por eles Elias Sitói, Albino José, cunhado e Álvaro Mungóy, o dono da casa: que tinha sido «detido».

As duas pastas foram postas sobre a mesa, mas só uma foi aberta: a que continha os 2800 mil meticais. A outra, vazia, foi posta de lado. E mesmo ali o dinheiro foi repartido em cinco partes: para o Álvaro Mungóy, criador de suínos, Elias Sitói, para o «chefe Manecas», falso agente da Segurança, verdadeiramente chamado Estêvão Wate, fabricante particular de contentores, Albino José, que falsamente representou de «cunhado» e para o falso «Secretário do Grupo Dinamizador do Bairro da Liberdade», de nome Alfredo Muchoncho, proprietário do Snack-Bar «Pouco Pouco», no Chamanculo.

MAIS TRÊS FRAUDES

De igual modo foi detida uma segunda quadrilha de seis elementos: Alfredo Manhique, desempregado, conhecido por Mabulucwane, Carlos Moiane, alfaiate e proprietário da alfaiataria «Moiane», na Avenida Guerra Popular, Joaquim Paulino Roberto Nguimbe, Ernesto Omar, trabalhador do Cais Minério dos CFM e Rita Isabel Tembe, doméstica.

Esta quadrilha é acusada de ter burlado dois comerciantes e um criador de animais de pequena espécie. São eles: Anuar Cantilal, comerciante em Massingir e residente em Maputo, que foi burlado em 900 mil meticais em Novembro de 1981; Álvaro Col-dres, comerciante em Nampula, burlado igualmente em 750 contos em Março deste ano quando viera a Maputo visitar um seu genro e Adolfo Francisco Macaringue, residente na Avenida Eduardo Mondlane e criador de animais de pequena espécie nas Mahotas, burlado em Abril passado em 800 contos.

De acordo com declarações da PPM, Rita Isabel Tembe, doméstica, representou o papel de possuidora de randes no fraude de 800 contos.